

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL

ANTONIA LEANDRO DOS SANTOS

BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AS CONCEPÇÕES DE
PROFESSORAS DA PRÉ- ESCOLA SOBRE O FAZ DE CONTA

PÓLO CARIRI

2012

ANTONIA LEANDRO DOS SANTOS

**BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AS CONCEPÇÕES DE
PROFESSORAS DA PRÉ- ESCOLA SOBRE O FAZ DE CONTA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Infantil da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Educação Infantil.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Silvia Helena Vieira Cruz

PÓLO CARIRI

2012

ANTONIA LEANDRO DOS SANTOS

**BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AS CONCEPÇÕES DE
PROFESSORAS DA PRÉ- ESCOLA SOBRE O FAZ DE CONTA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Infantil da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Educação Infantil.

Aprovada em: 14/ 12/ 2012

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Silvia Helena Vieira Cruz(UFC) – Presidente/Orientadora
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^aMs. Ticiania Santiago Sá (UFC)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^aMs. Camila Barreto Silva (PMF – CE)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e pela oportunidade de está aqui realizando este trabalho.

Ao meu amado, por está sempre junto comigo, me apoiando e me dando força.

Às minhas professoras, pelo empenho, dedicação e contribuição no processo da minha formação.

À minha orientadora, pela paciência, dedicação e contribuição dada a este trabalho.

À professora e amiga Rita, que, para mim, é um exemplo de superação.

Aos meus irmãos e irmãs, que são o meu alicerce e apoio de todas as horas, e aos meus pais, já falecidos, que, no plano de Deus, me deram o Dom da vida.

RESUMO

O presente trabalho, *Brincadeiras na educação infantil: as concepções de professoras da pré-escola sobre o faz de conta*, tem como objetivo maior investigar as concepções de professoras de pré-escola sobre a brincadeira de faz de conta, trazendo também alguns elementos da sua prática pedagógica relacionada a este assunto. Através do enfoque neste tema tão importante para a educação infantil, o brincar das crianças, procuro aumentar meus conhecimentos e refletir acerca da práxis docente nessa etapa da educação. O interesse por esse tema decorreu da compreensão de que a brincadeira na infância, sendo uma atividade fundamental para todos os aspectos do desenvolvimento infantil, precisa ser melhor compreendida por todos que atuam na educação da criança. Esta investigação se apoiou nos pressupostos teóricos de Vigotski (2007) e contou com a contribuição de autores como Rego (1995) e Kishimoto (2000, 2003 e 2010), entre outros. A metodologia adotada foi de natureza qualitativa, tendo sido realizadas entrevistas semiestruturadas com quatro professoras de pré-escola de uma instituição pública municipal numa cidade da região do Cariri cearense. A análise dos dados indicou que as professoras entrevistadas ainda não possuem clareza sobre o que seja a brincadeira de faz de conta e a sua importância para as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças, o que traz consequências negativas para a sua prática pedagógica junto aos alunos. Tais dados apontam para a necessidade de ações de formação que propiciem o maior conhecimento das professoras que atuam na educação infantil acerca da importância do brincar de faz de conta para a criança e para o trabalho que elas desenvolvem nessa etapa da educação.

Palavras-chave: Educação infantil. Brincadeira de faz de conta. Professora de educação infantil. Concepções de professoras.

ABSTRACT

The present subject aims at child's play and teachers' conception about make-believe at Preschool, we also want to bring some elements of their pedagogical practice. Through the focus in this important theme to basic education, child's play, we are looking for growing our knowledge and reflecting about instructor praxis in this stage of education. Our interest in this theme occurred due to understanding child's play in childhood as a fundamental activity to child development. It must be better understood for all those who work with children education. This research is based in the thoughts of Vigotski (2007) and we also use the contribution of authors as Rego (1995) and Kishimoto (2000, 2003, 2010). In our methodology we used semistructured interviews with four Preschool teachers of a public institution in a city located in Cariri. The data analysis shows that interviewed teachers are not clear about child's play and its importance to children. These data aim at the necessity of actions of formation that can propitiate a huge teachers' knowledge about the importance of child's playing and make-believe to children and to people who work in preschool and the importance to the work they develop this stage in education.

Keywords: Preschool. Make-believe. Preschool teacher. Teachers' conception.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
3 METODOLOGIA.....	18
4 AS BRINCADEIRAS DE FAZ DE CONTA NAS CONCEPÇÕES DAS PROFESSORAS	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	47
APÊNDICE: ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A PROFESSORA.....	49
ANEXO.....	50

1 INTRODUÇÃO

(...)ao brincarem, as crianças vão construindo a consciência da realidade, ao mesmo tempo em que já vivem uma possibilidade de modificá-la. (GISELA WAJSKOP)

Quando falamos em Educação Infantil, de imediato, lembramo-nos de crianças e de brincadeiras. Muitas crianças não podem brincar porque precisam trabalhar para ajudar nos afazeres de casa e contribuir nas despesas para garantir o sustento da família. No entanto, hoje se sabe que a criança é um ser que se desenvolve de maneira intensa e, entre outras condições para que isso aconteça da melhor forma possível, tais como a afetividade, a atenção e o respeito das pessoas que são mais significativas para ela, encontra-se a possibilidade de brincar.

A Educação Infantil, voltada para o desenvolvimento integral da criança, deveria ser um espaço privilegiado para a brincadeira. Assim, há a necessidade de que esse tema seja inserido nas reflexões sobre a prática docente nessa etapa da educação. É muito importante que os professores que atuam nesta área estejam sempre buscando novos conhecimentos, a fim de que a sua mediação nesta fase do desenvolvimento da criança, que chega às instituições de creche e pré-escola cheia de expectativas, seja mais adequada. E, devido à importância da brincadeira para o desenvolvimento da criança, esse tema é um dos que demandam conhecimento mais aprofundado por parte desses professores.

Penso, porém, que falar de brincadeira ou ludicidade na Educação Infantil, é falarmos da história e das concepções de criança desenvolvida ao longo da história da humanidade visto que a concepção frente à criança foi diferente e a infância teve variadas interpretações dependendo do tempo histórico e da cultura de cada sociedade; portanto, também houve transformações no que se refere à brincadeira. Assim, nem sempre os jogos, os brinquedos e as brincadeiras foram vistos como tendo importância para o desenvolvimento infantil, e ainda hoje, há casos de desvalorização das atividades lúdicas na infância.

O interesse por esse tema decorreu da compreensão de que a brincadeira na infância, sendo uma atividade fundamental para todos os aspectos do desenvolvimento infantil, precisa ser melhor compreendida por todos que atuam na educação da criança. Não só o professor, mas, o vigia, a servente, a merendeira, a diretora, a coordenadora, os pais e responsáveis, porque só assim poderão compreender as ações e atitudes das crianças na hora em que estão brincando.

O desejo de investigar as percepções de professores da pré-escola sobre a brincadeira do faz de conta também surgiu a partir da prática docente, como professora de Educação Infantil, e da participação no Curso de Especialização em Educação Infantil promovido pelo Ministério da Educação – MEC e realizado pela Universidade Federal do Ceará – UFC no pólo Cariri.

As leituras e discussões que aconteceram no referido curso de especialização foram importantes para a melhoria de minha prática docente. Entre as disciplinas deste curso, teve especial importância para este trabalho a que tratou de Currículo e Cultura na Educação Infantil, Processos de Desenvolvimento e Aprendizagem na Educação Infantil e Cotidiana e Organização na Educação Infantil, na Unidade 2 deste curso.

A partir do contato com as leituras de Vigotski, realizadas nesta disciplina, surgiu à necessidade de aprimorar conhecimento teórico, pois estas leituras oportunizaram refletir sobre a importância das brincadeiras e, especificamente, da brincadeira do faz de conta, para a aprendizagem e o desenvolvimento da criança. É importante destacar que a realização destes estudos sobre as contribuições de Vigotski a cercado brincar trouxeram não só a vontade de ampliar as minhas leituras a respeito desse tema, mas também o desejo de melhorar a minha prática em sala, já que trabalho com turmas de pré-escola, que muito se beneficiariam de maiores e melhores oportunidades de atividades lúdicas, especialmente de brincar de faz de conta.

Outro tema tratado neste curso que foi fundamental para a minha compreensão e prática profissional foi o conceito de criança como um ser completo, capaz, que se transforma e transforma o seu meio social. Essa concepção significou retomar todo meu conceito de criança, de infância e também de brincadeira. Nesse sentido, teve um papel importante o conhecimento das Diretrizes Curriculares Nacionais - DCNEI (Resolução CNE/nº 5, de 17 de dezembro de 2009).

Já em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, Lei 9.394/96, no seu Art.29, aponta qual o objetivo da Educação Infantil:

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade em seus aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Este entendimento do objetivo da Educação Infantil trouxe consequências para as políticas públicas na área de elaboração, planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares para a educação infantil e para a prática dos professores.

Seguindo esta perspectiva, as DCNEI reforçam o que afirma a LDB no sentido de considerar a criança de forma integral em todos os aspectos do seu desenvolvimento. Neste documento, é apresentada a seguinte concepção de criança:

Art. 4º As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Este documento também traz contribuições importantes para o acompanhamento e desenvolvimento das brincadeiras de faz de conta com as crianças, visto que considera a brincadeira como um dos eixos norteadores das práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil (Art. 9º) e o professor é um mediador importante neste processo.

Assim, o conhecimento e as discussões sobre a importância da brincadeira para as aprendizagens e o desenvolvimento da criança, bem como o conceito de criança e o papel que a brincadeira deve ter na prática pedagógica na Educação Infantil me levaram a um aprimoramento pessoal nos meus estudos e na minha prática profissional.

Por outro lado, também desejava contribuir para que outras professoras que trabalham na Educação Infantil pudessem avançar em seu conhecimento e prática sobre as brincadeiras de faz de conta. Considerei, então, que seria oportuno tentar apreender as suas percepções sobre este tema e conhecer um pouco melhor como essas brincadeiras acontecem nas suas ações docentes junto às crianças.

Estas foram as minhas motivações para a escolha do tema deste trabalho. A importância da brincadeira e a sua presença na prática de professores da Educação Infantil foram tratados por vários pesquisadores. Dentre eles, trago os trabalhos de Léa Stahischmidt Pinto Silva, Cynthia de Souza Paiva Nascimento, Graciele de Souza Collinge, sintetizando os objetivos dos seus trabalhos, as metodologias utilizadas e as conclusões a que chegaram.

A tese de doutorado de Silva (2003), da Universidade de São Paulo:

Investiga e analisa a relação entre o discurso de professores de educação infantil sobre a brincadeira de faz de conta e a imaginação infantil e a sua prática docente, levando em consideração a formação profissional desses professores e o contexto no qual iniciaram a sua escolarização.

A autora fez uma pesquisa qualitativa, realizando entrevistas semiestruturadas com seis professores da rede pública que trabalhavam com crianças de quatro a seis anos, também fez observações de episódios de brincadeiras de faz de conta. Ela concluiu que os

dados indicam um conhecimento pouco estável sobre a importância do faz de conta para o desenvolvimento e aprendizagem infantil. Também não foi constatada conformidade entre a teoria e a práxis dos educadores que observou.

A tese de mestrado de Nascimento (2004), da Universidade Federal Fluminense, investigou *a criatividade e a brincadeira de faz de conta nas concepções de professores da Educação Infantil*. Na metodologia da sua pesquisa, a autora utilizou entrevistas, questionários e videogravações. Os resultados apontaram que um número mínimo de professoras enfatiza explicações inatistas sobre a criatividade; outras a perspectiva espontaneísta e a maioria delas apontam uma perspectiva construtivista, destacando aspectos sociais. Elas atribuem à brincadeira de faz de conta um lugar secundário, reproduzindo práticas que controlam e direcionam o fazer da criança, não valorizando ações espontâneas e propostas inovadoras.

Colling (2010), da Universidade Regional de Blumenau, teve como objetivo principal *analisar a compreensão de professores da Educação Infantil acerca das brincadeiras de faz de conta das crianças e das culturas infantis no contexto educativo*. Na metodologia da sua pesquisa, de cunho qualitativo, a autora recorreu a entrevistas estruturadas realizadas com onze professoras de Educação Infantil que atuavam com crianças da faixa de três a quatro anos em instituições públicas municipais de Gaspar/SC. Os resultados apontaram que as professoras compreendem o faz de conta das crianças como sendo uma das principais atividades no cotidiano, e contemplam as brincadeiras de faz de conta no seu planejamento, além de perceberem aspectos das culturas infantis trazidos pelas crianças de contextos não instrucionais para as brincadeiras de faz de conta. Porém, a brincadeira de faz de conta, por vezes, é utilizada pelas professoras como recurso, forma de aprendizagem de conteúdos, empregando a brincadeira de teatro e música como estratégia para desenvolver atividades direcionadas. O faz de conta das crianças também é visto pelas professoras como mera imitação e não como reprodução interpretativa do universo dos adultos.

A partir das pesquisas realizadas, podemos concluir que o tema da brincadeira na Educação Infantil como possibilidade de aprendizagens e desenvolvimento das crianças já vem sendo objeto de vários estudos, o que pode contribuir grandemente para o entendimento do seu papel na educação infantil. Acreditamos, porém, que muito ainda há para ser pesquisado, uma vez que este tema é bastante complexo. Esta monografia contribuirá, em parte, com este objeto de estudo, apresentando os objetivos que se seguem.

O **objetivo geral** deste trabalho é investigar quais as concepções de professoras de pré-escola sobre a brincadeira de faz de conta.

Os objetivos específicos são:

- Entender o papel das brincadeiras de faz de conta nas aprendizagens e no desenvolvimento das crianças de Educação Infantil, na perspectiva de Vigotski;
- Apreender as concepções de professoras de pré-escola sobre a brincadeira de faz de conta e o seu papel na sua prática pedagógica;
- Conhecer algumas práticas das professoras relativas à brincadeira de faz de conta.

2REFERENCIAL TEÓRICO

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meios de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais. (BRASIL/MEC)

Esta pesquisa tem seu embasamento nos estudos de Lev Semenovitch Vigotski, psicólogo russo que dedicou muito dos seus estudos ao desenvolvimento da criança. Neste capítulo, serão apresentadas as contribuições de Vigotski acerca do brincar e seu papel na aprendizagem e desenvolvimento infantis.

No cenário da Psicologia, devido à sua compreensão original sobre a brincadeira de faz de conta, ele discute o papel do brinquedo, refere-se especificamente à brincadeira de "faz de conta", como brincar de casinha, brincar de escolinha, brincar com um cabo de vassoura como se fosse um cavalo. Faz referência a outros tipos de brincadeira, mas a brincadeira "faz de conta" é privilegiada em sua discussão sobre o papel no desenvolvimento. Vigotski apresenta elementos que contribuíram imensamente para este trabalho e o que podemos refletir acerca das consequências disso para a prática docente.

Para este teórico, o desenvolvimento da criança ocorre em função das interações sociais realizadas, que possuem estreita ligação com as suas condições de vida. Como uma das experiências mais marcantes e presentes na vida de muitas crianças é a frequência a uma instituição de Educação Infantil, o que acontece nestas instituições, em especial como se dá a atuação do professor, é fundamental para o que as crianças aprendem e como elas se desenvolvem.

De fato, Vigotski afirma que o desenvolvimento do sujeito humano se dá a partir das constantes interações com o meio social em que vive, já que as formas psicológicas mais sofisticadas emergem da vida social. Assim, o desenvolvimento do psiquismo humano é sempre mediado pelo outro, que indica, delimita e atribui significados à realidade. Segundo Rego (1995, p. 56):

Vigotski atribui enorme importância ao papel da interação social no desenvolvimento do ser humano. Uma das mais significativas contribuições das teses que formulou está na tentativa de explicitar (e não apenas pressupor) como o processo de desenvolvimento é socialmente constituído.

Segundo esta abordagem, o processo de formação do conhecimento está intimamente ligado às experiências culturais que a criança compartilha com os adultos, proporcionando novos conhecimentos. Assim, as aprendizagens realizam-se através da troca de experiências entre os sujeitos e dos sujeitos com os objetos da cultura (REGO, 1995).

Neste sentido, Vigotski atribuiu muita importância ao papel do professor como mediador do desenvolvimento psíquico das crianças. A esse respeito, é preciso lembrar que a sua ideia de que há um maior desenvolvimento conforme um maior aprendizado não quer dizer que se deve apresentar uma quantidade enciclopédica de conteúdos às crianças. O importante, para o pensador, é apresentar às crianças formas de pensamento, não sem antes detectar que condições elas têm de conhecimento (REGO, 1995)

O brincar humano está entre os temas estudados por Vigotski. Ele dedicou um capítulo do seu livro *A formação social da mente* (2007) a esta atividade, notadamente à brincadeira de faz de conta da criança. O título deste capítulo é *O papel do brinquedo no desenvolvimento*; no entanto, o foco do autor não é o objeto com o qual a criança brinca o qual se refere apenas de forma secundária, a palavra mais adequada para o título, no lugar de brinquedo, seria brincadeira, uma atividade que envolve o plano da fantasia, uma situação imaginária criada pela criança para atender ao seu desejo que não pode ser realizado de imediato. Segundo Vigotski, essa atividade sempre comporta regras, não uma regra explícita, mas uma regra implícita na situação imaginária, já que as crianças desempenham papéis de acordo com o que apreendem na sua experiência social sobre como tais papéis são desempenhados.

Para o autor, a brincadeira não pode ser definida apenas como uma atividade que proporciona prazer, pois a criança tem outras formas de obtê-lo e nem sempre a brincadeira é prazerosa para ela. Como já referido brevemente, um aspecto importante, e que muitas vezes não é considerado, é que a brincadeira atende a certas necessidades da criança (VIGOTSKI, 2007).

O autor chama a atenção para o fato de que uma das necessidades da criança pequena é ter os seus desejos realizados de uma maneira quase imediata, especialmente as crianças menores de três anos de idade, que estão na fase da manipulação dos objetos, do pegar, do agir de forma espontânea e imediata e não conseguem esperar muito tempo para que se cumpram os seus desejos.

Vigotski lembra que quando a criança pequena está a brincar e manipular certos objetos, e surge outra coisa que lhe chama a atenção, já deixa o que estava fazendo e vai em busca do que lhe interessa, é muito conduzida pela realização de desejos. Quando não

consegue realizar o seu desejo, manifesta sua insatisfação através do choro e irritabilidade, entretanto pode ser facilmente distraída, como ressalta:

Suponhamos que uma criança muito pequena (talvez com dois anos e meio) queira alguma coisa – por exemplo, ocupar o papel de sua mãe. Ela quer isso imediatamente. Se não puder tê-lo, poderá ficar muito mal humorada; no entanto comumente, poderá ser distraída e acalmada de forma que esqueça seu desejo. (Vigotski 2007, p. 108)

Ao contrário, uma criança com maior idade se apropria da imaginação como fator determinante na brincadeira e envolve-se num mundo mágico, ilusório, imaginário, cheio de motivações para que seus desejos sejam realizados. Nesse mundo possível para as crianças, através das brincadeiras do faz de conta, elas podem realizar suas necessidades. A partir da situação imaginária, a criança utiliza o brinquedo, ou outro objeto que se preste a isso, dando-lhe um novo significado, de acordo com a sua motivação; o prazer da brincadeira é controlado pela motivação, pela concretização do desejo, pois de acordo com Vigotski (2007, p.109)

torna-se claro que o prazer derivado do brinquedo na idade pré-escolar é controlado por motivações diferentes daquelas do simples chupar chupeta. Isso não quer dizer que todos os desejos não satisfeitos dão origem a brinquedos (como, por exemplo, quando a criança quer andar de carrinho, e esse desejo não é imediatamente satisfeito, então, a criança vai para o seu quarto e faz de conta que está andando de carrinho).

O autor afirma a presença da situação imaginária como uma característica definidora da brincadeira, a imaginação como base de toda a atividade criadora, pois, na brincadeira, a criança cria uma situação imaginária, embora também afirme que a brincadeira não é uma ação totalmente simbólica. Nesta atividade, a criança mostra traços da sua própria experiência e do meio social no qual convive, representando e delegando papéis presentes nesse meio. Ela se comporta de acordo com a situação vivida na brincadeira de faz de conta, ela se apropria do papel que está desempenhando e segue as regras sociais deste papel que está representando, de acordo com a sua percepção, como pode ser constatado ao observá-las quando estão a brincar.

Realmente, para Vigotski, todas as brincadeiras de faz de conta têm regras que são inerentes a cada situação vivida pelas crianças. Para este autor,

A situação imaginária de qualquer forma de brinquedo já contém regras de comportamento, embora possa não ser um jogo com regras formais estabelecidas a priori. A criança imagina-se como mãe e a boneca como criança e, dessa forma, deve obedecer às regras do comportamento maternal (VIGOTSKI, 2007, p.110).

Assim, numa brincadeira em que a criança faz o papel de mãe ou o de professora, ela deve, necessariamente, agir como mãe ou professora, como ela percebe que a mãe e a professora agem ou como ela gostaria que elas agissem. Fica evidente, então, a necessidade da criança se adequar às regras sociais no desenrolar da brincadeira. Ela precisa se sujeitar a essas regras, embora em parte as recrie. Então, por levar a criança a não agir de qualquer forma, mas se submeter a tais regras (as crianças que não agem de acordo com o papel que lhe é atribuído muitas vezes não pode continuar na brincadeira, sob a alegação de que *não sabe brincar*), a brincadeira de faz de conta contribui para o seu desenvolvimento moral.

Vigotski também dá ênfase aos significados que são atribuídos aos objetos no brincar. Para ele, *é no brincar que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, em vez de uma esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas e não dos incentivos fornecidos pelos objetos externos* (2007, p.113). Assim, os objetos perdem a sua força determinadora, pois a criança não vê o objeto como ele é visto socialmente, mas lhe confere um novo significado de acordo com o seu desejo. Segundo Vigotski (2007, p.115),

No brinquedo, o pensamento está separado dos objetos, e a ação surge das idéias e não, das coisas: um pedaço de madeira torna-se um boneco, e um cabo de vassoura torna-se um cavalo. A ação regida por regras começa a ser determinada pelas idéias e não pelos objetos.

É preciso destacar, portanto, que, na brincadeira de faz de conta, a criança aprende a agir numa esfera cognitiva mais elaborada e guiada por motivações e tendências internas. Para Vigotski (2007, p.124), *a essência do brinquedo é a criação de uma nova relação entre o campo do significado e o campo da percepção visual*.

Aqui é necessário ressaltar que as brincadeiras são importantes para que as crianças possam internalizar o mundo à sua volta, pois nesta atividade ela se apropria das relações com o outro e com o meio e começa a entender suas ações e atitudes de forma consciente e significativa. Segundo Vigotski (2007, p.122):

Apesar de a relação brinquedo e desenvolvimento poder ser comparada à relação instrução e desenvolvimento, o brinquedo fornece ampla estrutura básica para mudanças da necessidade e da consciência. A ação na esfera imaginativa, numa situação imaginária, a criação das intenções voluntárias e a formação dos planos da vida real e motivações volitivas – tudo aparece no brinquedo, que se constitui, assim, no mais alto nível de desenvolvimento pré-escolar. A criança desenvolve-se, essencialmente, através da atividade de brinquedo. Somente nesse sentido o brinquedo pode ser considerado uma atividade condutora que determina o desenvolvimento da criança.

No que diz respeito à brincadeira estar relacionada com o desenvolvimento infantil voluntário, Vigotski (2007, p. 121) ressalta que “o comportamento da criança nas

situações do dia a dia é, quanto aos seus fundamentos, o oposto daquele apresentado nas situações de brincadeira”. A brincadeira cria uma *zona de desenvolvimento proximal*, pois nela a criança se comporta além do comportamento habitual para a sua idade, criando um novo tipo de atitude em relação ao real.

Entre os vários autores que se apropriaram das ideias desenvolvidas por Vigotski e que trouxeram contribuições importantes para a prática educativa na educação das crianças, está Tizuko Morchida Kishimoto. Segundo esta autora (2010, p.147-148), não se pode pensar no brincar sem as interações sociais:

- com a professora: interagir com as crianças nas brincadeiras é essencial para o conhecimento do mundo social dando maior riqueza às complexidades e qualidades às brincadeiras;
- com as crianças – brincar com outras crianças traz enorme significado para elas, uma vez que promove a promoção, conservação e recriação do repertório lúdico infantil. Além de ir agregando valores às crianças do conviver com os outros;
- com os brinquedos e materiais – a criança compreende o mundo através da diversidade de formas, texturas, cores, tamanho, cheiros, espessuras e outras especificidades do objeto (brinquedos);
- entre criança e ambiente – o ambiente físico tende a refletir as concepções que a instituição assume para educar a criança. Portanto, a organização deste ambiente facilita ou dificulta a realização das brincadeiras e a relação com os adultos;
- entre a Instituição, a família e a criança – promovem o conhecimento e a inclusão da cultura popular que inclui o brinquedo, as brincadeiras que a criança conhece no projeto pedagógico.

Para Kishimoto (2003), como o que define a brincadeira é a situação imaginária criada pela própria criança, ela tem grande importância no desenvolvimento, pois cria novas relações entre situações no pensamento e situações reais. Ela acredita que “ao prover uma situação imaginativa por meio da atividade livre, a criança desenvolve a iniciativa, expressa seus desejos e internaliza as regras sociais”(2003, p. 43).

Ela também destaca que a brincadeira é uma das primeiras atividades que contribui para o desenvolvimento da criança em todos os seus aspectos: a criança torna-se mais segura de suas ações, é capaz de tomar decisões, delegar papéis, aprende a ouvir a opinião, aprende a esperar a sua vez, a expressar sentimentos e valores.

Desta forma, conclui Kishimoto (2010, p.146):

A atividade lúdica é importante porque dá o poder à criança para tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, os outros e o mundo, repetir ações prazerosas, partilhar brincadeiras com o outro, expressar sua individualidade e identidade, explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura para compreendê-lo, usar o corpo, os sentidos, os movimentos, as várias linguagens para experimentar situações que lhe chamam a atenção, solucionar problemas e criar.

Enfim, são muitas e importantes contribuições que a brincadeira oferece para as aprendizagens e o desenvolvimento da criança. Contribuições estas que o professor precisaria conhecer e se apropriar para realizar um trabalho de maior qualidade na Educação Infantil.

3 METODOLOGIA

As instituições necessariamente precisam conhecer as culturas plurais que constituem o espaço da creche e da pré-escola, as riquezas das contribuições familiares e da comunidade, suas crenças e manifestações, e fortalecer formas de atendimentos articuladas aos saberes e às especificidades étnicas, linguística, culturais e religiosas de cada comunidade.

(SEDUC)

Neste trabalho, foi usada a abordagem da pesquisa qualitativa. Como essa abordagem responde a questões que não podem ser quantificadas, trabalhando com o universo de significados, dos motivos, das aspirações, dos valores e atitudes (MINAYO, 2011), foi considerada a opção que melhor se apresentava para o desenvolvimento deste trabalho, que pretendeu investigar as concepções de professores de pré-escola sobre as brincadeiras de faz de conta.

O local escolhido para a pesquisa foi uma escola da rede municipal, na região do Cariri, especificamente as salas em que funcionam turmas da pré-escola desta instituição. Esta instituição foi escolhida porque atende a uma grande comunidade e acreditei que a mesma faz um trabalho diferenciado, procurando atender as necessidades das crianças. Porque escolhi a rede municipal pública e não a particular? Porque nas últimas décadas vem acontecendo uma maior exigência por parte da sociedade no sentido de que o poder público promova uma melhor qualidade do atendimento educacional à população. Há maior clareza de que as instituições públicas de ensino precisam garantir os direitos de acesso à educação de qualidade para toda a população, direito adquirido desde a promulgação da Constituição brasileira. O fato de atuar como professora da rede pública municipal, acreditar na importância da educação pública e acreditar que é preciso valorizá-la cada vez mais foram outros motivos para essa escolha.

Realizeia pesquisa numa escolamunicipal de uma cidade da região do Cariri, no Ceará. Esta instituição atende a Educação Infantil, sendo três turmas de creche, uma turma com crianças de dois anos e duas de crianças de três anos, e seis de pré-escola, duas turmas com crianças de quatro anos e uma de crianças de cinco anos atendidas pela manhã e três turmas de crianças de cinco anos atendidas à tarde, totalizando um total de noventa crianças na creche e cento e cinquenta e sete crianças na pré-escola. Também são oferecidas turmas de ensino fundamental I (do primeiro ao quinto ano), em tempo parcial.

Sete professoras desenvolvem os trabalhos com as crianças da pré-escola, atendendo nos dois períodos, que pela manhã vai da sete às onze horas e à tarde das treze às quinze horas.

No início do seu funcionamento, o objetivo da instituição era atender aos filhos de mães “carentes” que trabalhavam, assumindo basicamente a função do cuidar. Seu objetivo, hoje, é proporcionar à criança conhecimentos científicos. Segundo a coordenadora pedagógica, as crianças que frequentam esta instituição são de diferentes classes sociais, algumas vivem em um ambiente de “extrema pobreza” e pertencem às “famílias desestruturadas”, assim como há crianças que vivem em ambientes que oferecem “melhores condições de sobrevivência” e pertencentes às “famílias estruturadas”.

Os sujeitos desta pesquisa são quatro professoras, as quais receberam nomes fictícios. Na citada instituição, são responsáveis pelas turmas de pré-escola, que funcionam no turno da manhã e tarde. Como o objetivo era investigar quais as concepções de professoras de pré-escola sobre a brincadeira de faz de conta, as demais professoras da escola não fizeram parte da pesquisa. Outro critério considerado como relevante foi o tempo de prática como professora da pré-escola: a partir de cinco anos, por considerar que é necessário certo tempo para a profissional da educação infantil apropriar-se da prática pedagógica específica a essa etapa da educação.

O instrumento de coleta de dados utilizado nesta pesquisa foi à entrevista semiestruturada. A entrevista desempenhou um papel importante para o levantamento de dados, pois permitiu uma melhor interação com os entrevistados, deixando-os mais livres para discorrer sobre a temática, a brincadeira de faz de conta, de acordo com seus conhecimentos e suas experiências. Como afirma Ludke (1986, p. 33-34),

A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Uma entrevista bem-feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais.

As entrevistas realizadas tiveram como norte os seguintes temas: a formação inicial e continuada da professora, a sua experiência na educação infantil, a concepção que ela tem e a importância que atribui às brincadeiras de faz de conta para desenvolvimento das crianças e a sua prática pedagógica em relação à brincadeira de faz de conta (o roteiro que guiou as entrevistas encontra-se no Apêndice deste trabalho).

As entrevistas foram realizadas na própria instituição em que as professoras trabalham por escolha delas, porque consideraram que era mais conveniente. No momento do

convite, não houve dificuldade das professoras em aceitar serem ouvidas em entrevistas, inclusive os sujeitos demonstraram bastante interesse pelo tema que seria tratado. Os locais em que as entrevistas foram realizadas variaram, acontecendo na sala da coordenação, pátio e jardim da escola e numa sala de aula, ao final do expediente. Todos os ambientes eram acolhedores, ventilados, iluminados e tranquilos, sem interferências de outras pessoas. As entrevistas aconteceram num clima bastante cordial, sendo que a entrevistadora e as entrevistadas estiveram bastante à vontade.

O registro foi feito tendo um gravador como instrumento. A gravação de todas as entrevistas deu origem às transcrições das falas, material que foi usado no trabalho de análise, iniciado em seguida.

4 AS BRINCADEIRAS DE FAZ DE CONTA NAS CONCEPÇÕES DAS PROFESSORAS

A criança que brinca pode adentrar o mundo do trabalho pela via da representação e da experimentação; o espaço da instituição deve ser um espaço de vida de interação e os materiais fornecidos para as crianças podem ser uma das variáveis fundamentais que auxiliam a construir e apropriar-se do conhecimento universal. (GISELA WAJSKOP)

Conforme já mencionei na introdução deste trabalho, esta pesquisa responde à proposta de suscitar esclarecimentos e uma reflexão sobre as percepções de professoras de pré-escola sobre a brincadeira de faz de conta e, secundariamente, sobre sua prática pedagógica em relação a esse tema.

Neste capítulo, serão apresentados os dados que foram possíveis obter através da realização de entrevistas com as quatro professoras enfocadas neste trabalho.

Durante as entrevistas realizadas, as professoras trouxeram outros temas, tais como brincadeira dirigida e o trabalho com projetos. No entanto, aqui serão tratados somente os itens mais diretamente referentes ao objetivo deste trabalho, que foram: a concepção de crianças de educação infantil, as opiniões sobre a contribuição do brincar de faz de conta para o desenvolvimento das crianças, a escolha do repertório destas brincadeiras, o papel do professor, o tempo utilizado para sua realização e a frequência das mesmas. A análise das falas das entrevistadas foi feita, portanto, em relação a cada um destes temas.

As quatro entrevistadas têm de 33 a 34 anos. Todas possuem a formação legalmente exigida para o exercício da profissão, sendo que apenas uma delas, Joana, tem a formação mínima prevista pela LDB, o curso do nível médio na modalidade normal, e as demais fizeram curso superior de Pedagogia e também Curso de Especialização. Régia é especialista em Língua Portuguesa e Arte Educação, Marcela é especialista em Língua Portuguesa, e Mônica é especialista em Língua Portuguesa e Gestão Escolar.

Três das entrevistadas possuem mais de dez anos de experiência na Educação Infantil, sendo que o máximo de experiência é dezessete anos e o mínimo seis anos. Trata-se de um bom tempo de experiência de trabalho desenvolvido junto às crianças de pré-escola. Possivelmente, elas tiveram possibilidade de conhecer bem as peculiaridades desse trabalho, o

qual tem muito em comum com o que é desenvolvido pelos professores de outras etapas da educação, mas que possui suas especificidades originadas, principalmente, na idade das crianças e na função da Educação Infantil.

As quatro professoras fizeram a formação do Programa de Alfabetização na Idade Certa, PAIC, que é um projeto do governo do Estado do Ceará na área de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Participaram também de outros cursos ofertados por outros órgãos. Régia participou do curso do Programa de Apoio a Leitura e Escrita - PRALER, realiza do através do Departamento de Projetos Educacionais- FUNDESCOLA, e do Programa de Formação de Professores Alfabetizadores- PROFA, promovido pelo Ministério de Educação. Marcela participou de cursos promovidos pelo SESC na área de Jogos e Brincadeiras, Alfabetização, Psicomotricidade, Contação de Histórias, Letramento e Literatura Infantil. Joana fez cursos de Educação Infantil, Leitura e Escrita, Processo Educativo na Pré-escola e Relações interpessoais, realizados pela Universidade Regional do Cariri, URCA. Mônica participou de cursos promovidos pelo SESC na área de Educação Inclusiva, Parâmetros Curriculares Nacionais, PCNS, Lei de Diretrizes e Bases, LDB, e outros.

Pode-se observar que há uma preocupação em aperfeiçoar a qualificação profissional, visto que as professoras citam cursos promovidos por outros órgãos de educação fora da secretaria de educação do seu município.

Ao perguntar às professoras sobre a sua ideia do que é ser criança, três professoras apresentam concepções antagônicas. Uma delas, por outro lado, Régia, traz a ideia de que *ser criança é tudo de bom, ser criança é maravilhoso*, pois tem liberdade de não se preocupar com nada, de usar a sua imaginação e sua criatividade. Joana afirma que a criança é um ser completo, mas está ali na escola para ser *lapidado*. O discurso da criança como *um ser completo* está expresso em vários documentos divulgados nos últimos anos, inclusive na própria LDB, ao indicar qual o objetivo da Educação Infantil, como já citado anteriormente. Porém, ela afirma que a criança é um ser que precisa ser lapidado: *Criança, ele é um ser completo. É... ele está ali na escola pra ser lapidado, né, pra seguir em frente, integrar melhor na sociedade.* (Professora Joana)

Assim, uma ideia bastante positiva de criança, enquanto natureza boa, contrasta com uma concepção negativa, que enfatiza a necessidade dela ser *lapidada*, isto é, precisa de disciplinamento para vir a ser um adulto, civilizado (CHARLOT, 1983). Isso fica claro quando se considera que Joana conceituou a palavra lapidar como *“ficar quietinha no seu canto, obedecer à professora, não ficar correndo...”*.

Marcela afirma:

Eu definiria criança como uma espécie... que ela precisa ser humanizada, né, eu acho que a partir do momento em que aquela criança nasce ela não é ainda um ser humanizado. A partir daqueles cuidados que a gente começa a ter daquele olhar atencioso, daquele direcionamento é que a gente vai humanizando aquela criança, né, e direcionando pra educação. (Professora Marcela)

Na fala de Marcela, percebe-se que, para ela, a criança é um ser que precisa ser humanizado, e este humanizar consiste em cuidados e direcionamentos. A professora mostrou ter uma compreensão da importância do papel do educador no processo da formação inicial da criança. Como então formar uma criança sem deixar de pensar os aspectos de humanização? Nesse sentido, é bom que nós educadoras tenhamos o cuidado em perceber nossas crianças, como seres em desenvolvimento que são capazes de interagir numa sociedade e se apropriar de valores significativos para sua formação humana. No entanto, a criança não se humaniza apenas a partir da educação, ela aprende e se desenvolve no convívio entre seus iguais e com todos os estímulos oferecidos a partir do meio no qual a mesma está inserida.

Já a professora Mônica fala que *ser criança, pra mim, é ver a criança como ser individual, ser de possibilidades e capaz de se desenvolver*. Esta ideia também é enfatizada nos textos e documentos mais recentes sobre criança, vendo-a nas suas peculiaridades e com possibilidades de transformar e ser transformada pelo meio em que vive uma concepção muito influenciada pela Psicologia do Desenvolvimento.

Quanto à função da Educação Infantil, Régia destaca que *é cuidar, educar, é ter muito carinho, ensinar, tudo isso*. É possível notar nesta fala a presença de uma concepção recente, que ressalta a indissociabilidade entre o cuidado e a educação das crianças, enquanto anteriormente a função da Educação Infantil para as crianças pobres era vista principalmente como voltada à sua guarda, numa visão predominantemente assistencialista.

Marcela destaca a função da Educação Infantil no sentido de promover aprendizagens: *é principalmente proporcionar possibilidades de grandes aprendizagens dentro do contexto lúdico, significativo, diversificado e dinâmico*.

Mônica também enfatiza a função da Educação Infantil no estímulo ao desenvolvimento da criança: *fazer com que essa criança se desenvolva integralmente, é...priorizando os seus aspectos cognitivos, afetivos e motor*.

Por outro lado, Joana novamente traz a ideia de que é preciso lapidar a criança, afirmando que a função da Educação Infantil *é lapidar essa criança, pra que no futuro ela siga em frente mais preparada*.

Três professoras apresentam aspectos positivos quanto à função da educação infantil: a primeira professora argumenta que *é o cuidar, educar, é ter muito carinho*; a segunda professora ressalta os aspectos de uma aprendizagem dinâmica ao afirmar: *aprendizagens dentro do contexto lúdico, significativo, diversificado e dinâmico*; a terceira professora já prioriza a educação infantil em todos os aspectos do desenvolvimento ao trazer em sua fala que *essa criança se desenvolva integralmente, é...priorizando os seus aspectos cognitivos, afetivos e motor*.

Por outro lado, Joana novamente traz a ideia de que é preciso lapidar a criança, afirmando que a função da Educação Infantil *é lapidar essa criança, pra que no futuro ela siga em frente mais preparada*.

Especialmente à transmissão de conhecimentos e ao preparo da criança para o ensino fundamental, o que parece se limitar preferencialmente a ensinar a ler e escrever. Na realidade, formar nossas crianças desde a Educação Infantil como leitoras e produtoras de textos é tudo o que muitos professores querem, mas isso exige compreender o papel da aprendizagem da linguagem no contexto de outras aprendizagens também necessárias nessa etapa da educação.

De acordo com o artigo 9º da Resolução nº5, de 17 de dezembro de 2009, que instituem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI,

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira. Portanto, esses deveriam ser os eixos norteadores das práticas pedagógicas na Educação Infantil.

No mesmo artigo constam as variadas experiências que devem ser garantidas às crianças e entre elas estão aquelas que *“possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos”*. Portanto, este e outros artigos das DCNEI deixam clara a função da Educação Infantil, quer se trate de creches ou de pré-escolas.

Tratando mais especificamente sobre o tema deste trabalho, é importante analisar as percepções das professoras sobre como a brincadeira de faz de conta pode contribuir para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças. As entrevistadas responderam de forma diferente à pergunta feita com esse objetivo. Suas respostas podem ser agrupadas em dois tipos de posições. Joana afirma que *“a partir das brincadeiras do faz de conta a criança vai se desenvolver em todos os seus aspectos: cognitivo, expressivo”*, concluindo que *“ela [criança] se desenvolve bem através das brincadeiras”*. Também Régia acredita que a brincadeira de faz de conta *“contribui bastante para o desenvolvimento”*, citando o

desenvolvimento da imaginação, o desenvolvimento intelectual e social. Ela reforça esta ideia afirmando que

o que ajuda a brincadeira do faz de conta, ele está se desenvolvendo, ele está usando a sua imaginação, está criando. Então, então tudo isso contribui bastante na... A brincadeira do faz de conta contribui bastante para o desenvolvimento tanto é intelectual, social.

Nas falas destas professoras pode-se perceber que concebem o brincar de faz de conta como uma grande possibilidade de desenvolvimento das crianças. Isso vem sendo bastante enfatizado por vários autores, como Adriana Friedmann (2006, p. 105), que afirma:

Todos os jogos de faz de conta são excelentes para o desenvolvimento integral das crianças. Além de promover o desempenho físico, cognitivo, afetivo, social e linguístico, eles estimulam a criatividade e revelam ao educador a interpretação que a criança faz da realidade.

A valorização que estas duas professoras expressam sobre o papel da brincadeira de faz de conta no desenvolvimento infantil também está de acordo com o que nos aponta Kishimoto (2000, p. 22): “Ao permitir a manifestação do imaginário infantil, por meio de objetos simbólicos dispostos intencionalmente, a função pedagógica subsidia o desenvolvimento integral da criança”. Também as Orientações Curriculares para a Educação Infantil (SEDUC, 2011, p.39) apontam que:

Brincar dá oportunidade para a criança:

- Desenvolver sua imaginação;
- Brincar do seu jeito, e não seguir enredos preparados pela professora;
- Imitar o conhecido e construir o novo, assumindo personagens e transformando objetos pelo uso que deles faz;
- Apropriar-se de diferentes linguagens.

Ao brincar, toda criança se envolve de tal maneira que todos os aspectos acima citados se entrelaçam dando sentido à sua ação. A criança nesse momento interage com o meio, os objetos, assumindo papéis sociais que vislumbra e dá sentido à brincadeira. Com isso a criança se desenvolve, construindo e reconstruindo o meio no qual ela está inserida. Cabe ao adulto oportunizar situações que promovam a brincadeira de faz de conta sempre respeitando a individualidade e a escolha da criança.

Marcela traz outra concepção sobre a importância da brincadeira de faz de conta, pois parece partir de uma compreensão de que qualquer atividade que envolva a imaginação das crianças pode ser vista como brincadeira de faz de conta. Isto porque ela relata com detalhes uma atividade que realizou com a sua turma a partir da leitura da história de Peter Pan, na qual coordenou todas as etapas da situação imaginária (faziam de conta que estavam

todos dentro de um barco) para introduzir noções topológicas e temporais que estavam previstas no seu planejamento. Portanto, ela afirma que, “a partir do momento em que planejo uma atividade didática tendo como pré-requisito o imaginário, a expressão corporal, certamente [a brincadeira de faz de conta] vai contribuir para o aprendizado”. Esta professora relata:

Quero dizer se uma brincadeira de faz de conta ela surge espontaneamente da criança ou de certa forma ela surge de algum objetivo do professor vai depender né, do objetivo do professor. Porque ela às vezes surge da própria criança, brincar por brincar espontaneamente. Mas, o faz de conta dependendo do contexto do professor, se quer introduzir um conteúdo, né, ele pode utilizar esse imaginário, né, como, posso citar um exemplo? Bom, numa contação de estória, porque no livro deles vinham contando uma sequência de dados que é ver a contação, sequenciar fatos, onde tinham um pirata que aquele barco afundava e um jacaré tentava agredir o capitão e então foi o que nós fizemos. Eu peguei a estória do Peter Pan e eu fiz a contação de estória e aí então, depois, e, em outro momento eu desenhei aquele barco no chão, aquele imenso barco e convidei as crianças para um passeio a barco. Então fui chamando de um a um, as crianças foram entrando e aí, então, nós começamos a trabalhar os conteúdos para aquele dia, neste caso as noções topológicas. Nós trabalhamos conceitos dentro/fora, quando nós remamos, remamos para frente e para trás; é o barco gira pra direita, o barco gira pra esquerda, de repente a gente gira mais rápida, mais devagar. Teve momento que eu propus que todos tinham que mergulhar, então, todas as crianças se lançaram ao mar, aquele mar imaginário, só que fantástico. Então as crianças começaram a nadar. De repente eu disse que o jacaré estava se aproximando e todas as crianças procuraram de uma forma se salvar e daí se esconderam debaixo de mesas, debaixo das carteiras, né, tia, tia esconde se não o jacaré vai te pegar. Então é assim, de certa forma foi uma brincadeira que eu achei bastante interessante, que ficaram vários dias dizendo: tia vai brincar de novo? Vamos brincar de novo? Vamos brincar de novo do pirata? De novo do barco. Foi uma brincadeira que de certa forma a gente usou o imaginário da criança e trabalhamos o conteúdo. De repente eles conseguiram sequenciar, colocar aquelas cenas numa sequência didática. (Professora Marcela)

A professora Mônica parece ter uma posição parecida com a de Marcela, no sentido de enfatizar o papel do professor no planejamento e direcionamento da brincadeira para que ela leve a aprendizagens. Ela afirma que

Estas brincadeiras, elas tem que ser selecionadas porque dizer que a criança aprende brincando é saber que por trás dessa brincadeira da criança tem um adulto que ali planejou que ali está e que vai direcionar aquela aprendizagem. (Professora Mônica)

Nessa sua afirmação é possível questionar: há como selecionar no planejamento uma brincadeira de faz de conta? Ou a brincadeira do faz de conta acontece livremente e espontaneamente, sendo decidida pela criança? A brincadeira é livre, portanto não podemos planejar como ela acontecerá, pois o planejamento da brincadeira de faz-de-conta seria mais uma práxis autoritária do professor que mais conduz do que acolhe as manifestações da criança.

Nessa afirmação é possível perceber o papel do professor como mais autoritário, dirigindo as ações, sendo o centro da prática pedagógica, o que é compatível com uma ideia muito difundida de que o bom professor é aquele que tem o “controle de sala”, reforçando o seu papel de manter a disciplina. Acredito que o papel do professor na brincadeira de faz de conta precisa estar voltada à atitudes e ações que favoreçam as necessidades das crianças, proporcionando ambientes de interação com as outras crianças, adultos, objetos, com o próprio ambiente e o meio social o qual a criança está inserida.

Algumas orientações como subsídios para o professor de Educação Infantil criar condições para que as crianças possam realizar suas brincadeiras de faz de conta de forma prazerosa todos os dias, tornando-se uma prática cotidiana na Instituição de Educação Infantil. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p.49, v.2) traz como subsídios:

(...) se organize na sala de aula um espaço para que essa atividade, separado por uma cortina, biombo ou outro recurso qualquer, no qual as crianças poderão se esconder, fantasiar-se, brincar, sozinhas ou em grupos, de casinha, construir uma nave espacial ou um trem etc. Nesse espaço, podem-se deixar à disposição das crianças panos coloridos, grande e pequenos, grossos e finos, opacos e transparentes; cordas; caixas de papelão para que as crianças modifiquem e atualizem suas brincadeiras em função das necessidades de cada enredo. Nesse espaço pode ser afixado um espelho de corpo inteiro, de maneira a que as crianças possam reconhecer-se, imitar-se, olhar-se, admirar-se. Pode-se, ainda, agregar um pequeno baú de objetos e brinquedos úteis para o faz-de-conta, que pode ser complementado por um cabideiro contendo roupas velhas de adultos ou fantasias. Fundamentais, também, são os materiais e acessórios para a casinha, tais como uma pequena cama, um fogão confeccionado com uma velha caixa de papelão, louças, utensílios variados etc. É importante porém, que esses materiais estejam organizados segundo uma lógica; por exemplo, que as maquiagens estejam perto do espelho e não dentro do fogão, de maneira a facilitar as ações simbólicas das crianças.

Penso que, a partir dos conhecimentos adquiridos sobre a brincadeira de faz de conta e, portanto, sabendo o quanto essa atividade é importante para o desenvolvimento da criança, o professor poderá compreender qual o seu papel e o quanto a sua mediação como facilitador é necessária, proporcionando espaços onde a criança possa vivenciar suas experiências, criar e recriar, representar a partir de sua imaginação e do próprio contexto social em que está inserida. Compreenderá também que a brincadeira de faz de conta não pode ser “selecionada” pelo professor e que não tem “um adulto que planejou”. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (MEC/SEF, 1998, p.49, v.2), “Responder como e quando o professor deve intervir nas brincadeiras de faz-de-conta é, aparentemente, contraditório com o caráter imaginativo e de linguagem independente que o brincar compreende.”

A brincadeira de faz de conta da criança se constitui em ótima oportunidade para o professor observar e registrar como as crianças brincam, se relacionam entre si, trocam ideias, resolve os conflitos, como se organizam em grupo, delegam papéis, etc., como também refletir sobre a sua própria prática pedagógica.

O tema do papel do professor no momento da realização das brincadeiras de faz de conta foi tratado nas entrevistas através de perguntas específicas sobre a prática pedagógica de cada professora, de um modo particular relacionando esta prática às brincadeiras de faz de conta, enfocando como se dá a participação das professoras no desenvolvimento das mesmas.

Observei, então, que duas das entrevistadas, Régia e Joana, transmitem a ideia de que na maioria das vezes a brincadeira vem do imaginário, das experiências, da criatividade e da espontaneidade de cada criança, ressaltando a espontaneidade, originalidade e criatividade, típicas do brincar de faz de conta. Já Marcela e Mônica iniciam suas falas dizendo que é o professor que faz as escolhas e dá o direcionamento das atividades, a fim de fazer cumprir os objetivos didático-pedagógicos do planejamento. Isso nos faz refletir sobre certa desconsideração de uma característica básica do brincar de faz de conta, que é ser guiada pelo próprio desejo e imaginário da criança. A brincadeira dirigida é aquela na qual o professor participa, direcionando a atividade com estratégias e objetivos específicos de acordo com o seu planejamento. A criança não participa das decisões, não opina e não escolhe do que brincar. É o que percebemos na fala da professora Mônica:

Eu acho assim: que as brincadeiras de faz de conta, ela não é escolhida pela criança, assim, se ela estiver na escola; as brincadeiras são escolhidas pelo professor se for brincadeira direcionada e o professor quando escolhe essa brincadeira ele está intencionando algo com a brincadeira escolhida.

Marcela, apesar de inicialmente se referir à grande imaginação das crianças, também traz o uso de atividades lúdicas (que ela denomina brincadeira) para atingir objetivos didáticos:

E essas brincadeiras de faz de conta, quando realizadas em sala de aula é realmente quando tem algum objetivo didático, quando querem introduzir algum conteúdo que entrem num contexto significativo onde possam envolver, onde eles possam ter maior interesse.

As outras professoras trazem uma ideia diferente acerca do papel do professor em relação às brincadeiras das crianças, atribuindo maior peso nas decisões às próprias crianças. Régia, por exemplo, afirma:

Em minha sala eu sempre deixo muito à vontade para elas criarem as brincadeiras que elas querem: a de mamãe, de cavalinho, de brincar de animais, eles usam o

corpo deles para ser o cavalinho, e é assim. Quando me perguntam, “Ó tia!”, eles fazem aquelas perguntas: “Tia, tá bonito, meu coleguinha montado no cavalinho?” Então: “... eu sendo a mãe da bonequinha?” A minha participação é essa.

Nesta fala, podemos perceber que Régia tem conhecimento sobre a função da imaginação no brincar, levando em conta a sua importância no universo infantil, e que ela considera que a professora não deveria intervir diretamente nessas expressões da imaginação das crianças.

Joana, do mesmo modo, enfatizou o uso da imaginação, enquanto a possibilidade que a brincadeira tende a trazer para dentro da sala de aula, afirmando:

As crianças escolhem as suas brincadeiras a partir das vivências que elas já trazem de casa, né? E quando ela chega à escola, ela vai desenvolver essas vivências através das brincadeiras. A minha participação é intervir, às vezes, quando a brincadeira não está sendo adequada para aquele momento, né? Ai você vai intervir e mostrar outra realidade.

Nesta fala, é possível constatar, também, que esta professora menciona o seu papel de intervir, “quando *a brincadeira não está sendo adequada para aquele momento*” (ela não explicita quais são esses momentos), preocupação que, em certa medida, a aproxima da posição expressa pela sua colega Mônica.

A questão da liberdade de escolhas exigida pela brincadeira é retomada quando as professoras tratam do papel do professor no momento da realização destas brincadeiras. Mônica parece direcionar o seu pensar novamente para o “fazer pedagógico”, não valorizando os aspectos típicos da brincadeira do faz de conta, como a imaginação, mas sim aproveitando a brincadeira para “repassar” informações. Ela afirma que “*o professor direciona a brincadeira, pois tem algo a repassar com este direcionamento*”. Assim, considera que o papel do professor “*é fundamental, porque através daquela brincadeira que ele escolheu é que ele vai conseguir desenvolver uma atividade, tentando proporcionar a aprendizagem daquela criança*”.

É comum observar professores se apropriarem da brincadeira do faz de conta, como se fosse um jogo pedagógico, o que na realidade não é. Com isso, cria-se um equívoco. Na brincadeira de faz de conta, o professor não deveria interferir, impor suas regras. É a criança que deveria determinar como fazer, o que falar e com quem brincar. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998 p.23), “isso ocorre porque a motivação da brincadeira é sempre individual e depende dos recursos emocionais de cada criança que são compartilhados em situações de interação social”.

Portanto, é no jogo pedagógico que o papel do professor deve ser o inverso, pois ao propor as regras que são do próprio jogo, ele inibe e impede a criança de realizar o que mais deseja: brincar de acordo com as suas necessidades e vontades. Muitas vezes o professor não atenta para o fato de que a aprendizagem não acontece apenas no ato do brincar direcionado, ela também acontece no momento em que a criança imagina, cria, recria e desfaz aquilo que lhe convém para a sua satisfação, o que é próprio do brincar livre e espontaneidade. Cabe ao professor rever suas concepções acerca do jogo pedagógico e do brincar de faz de conta.

As mesmas três educadoras (Régia, Marcela e Joana) que enfatizaram a espontaneidade da criança como sendo uma característica das brincadeiras apresentam uma posição diferente das colegas em relação ao papel do professor: elas consideram que esse papel é menos diretivo e apontam que o seu envolvimento na brincadeira deve acontecer a partir da solicitação da criança. Régia, por exemplo, afirma que:

o professor tem que deixá-los à vontade, porque ali é um momento muito prazeroso pra eles. Então, eu os deixo a vontade em alguns momentos, depois está sempre observando, mas eu acho que eles tem que ficar a vontade para usarem a imaginação deles.

Já Marcela diz que o papel do professor:

é tentar entrar no mundo do imaginário das crianças, né, é tentar deixar levar pelo imaginário das crianças. Porque às vezes, muitas vezes, já aconteceu até comigo. Eu até vou fazer tal atividade por querer levar a criar, assim, por uma situação, né, eu tentando levar por uma situação que eu já tinha pensado, mas, às vezes toma outro rumo, né? A criança vem, se você tentar, você vê, porque você planeja, mesmo pra fazer uma brincadeira, mas uma brincadeira, você sabe que vai ter o começo, vai ter o meio e vai ter o fim. Você deve ceder, porque às vezes surge alguma coisa assim pelo meio de uma... A criança sugere o que a criança faz, ou até que eu determine mesmo, que é que aquela brincadeira de faz de conta aconteça não sendo da sua forma, e sim da forma delas. (Professora Marcela)

É possível perceber que Marcela é sensível às demandas das crianças, e permite que as brincadeiras aconteçam de acordo com os desejos delas, mesmo quando ela tinha planejado ser de outra forma: *eu tentando levar por uma situação que eu já tinha pensado, mas, às vezes toma outro rumo.*

A professora Joana afirma que o professor deve observar as crianças e interagir com elas, mas também “intervir no momento certo”. Faço aqui um questionamento: existe realmente um momento certo de se intervir na brincadeira de faz de conta? É necessário haver a intervenção de um adulto no campo imaginário das crianças? Na verdade, considero que quando o professor, em sua prática educativa, se depara com crianças em pleno movimento de

sua imaginação, não deveria intervir, a não ser que haja algum perigo para a integridade das crianças. De um modo geral, a criança não precisa da intervenção do adulto para manifestar sua imaginação. Na verdade, ele só precisa lhes disponibilizar tempo, espaço e poucos elementos (utensílios, ferramentas, roupas etc.) para que as crianças brinquem como quiserem.

Quando questionadas sobre o que é necessário para favorecer as brincadeiras de faz de conta, novamente, houve dois tipos de opiniões: uma que condiciona a existência da brincadeira ao planejamento da professora e outra que ressalta a importância de criar meios dentro do ambiente escolar e haver a própria disponibilidade do professor.

No primeiro caso está a professora Mônica, que aponta que o favorecimento da atividade de brincar, primeiro precisa partir do planejamento pedagógico, já que acredita que, sem isto, não há possibilidade de que haja desenvolvimento da criança, pois, para ela, o brincar de faz de conta, sem este pré-requisito, será apenas uma brincadeira “vazia”. Ela considera que:

é necessário, primeiro que tudo, planejamento. Se o professor não sentar, não planejar e não escolher uma atividade direcionada, que esteja assim, de forma que a criança aprenda e que ela tenha que pensar o modo que ela vai fazer aquela atividade ali, não funciona.

Esta fala da professora mostra uma tendência que existe em muitas das instituições que trabalham com educação infantil, nas quais as professoras acreditam que devem ditar e conduzir o que deveriam, se espontâneo por parte das crianças. Esta postura fere o princípio de liberdade e espontaneidade nas brincadeiras de faz de conta, cuja condução deveria estar a cargo das próprias crianças.

Régia, Marcela e Joana não se pronunciam sobre alcançar objetivos didáticos através das brincadeiras. Afirmam que na brincadeira de faz de conta deve haver um estado de flexibilidade e disponibilidade que a favoreceria, e acreditam que é preciso deixar o prazer do brincar preponderar sobre o fazer pedagógico mais tradicional.

Régia diz que para favorecer as brincadeiras de faz de conta é necessário:

criar esses momentos, e que eles possam utilizar essas brincadeiras, criarem essas brincadeiras. Eu acho que a gente tem que proporcionar alguns momentos pra que eles façam as brincadeiras de faz de conta.

Marcela ressalta que, para o favorecimento, as brincadeiras de faz de conta é necessário disponibilidade:

Somente disponibilidade. É, porque eu acho que em qualquer lugar... Porque o nosso espaço, eu costumo dizer que o espaço que a gente trabalha, a criança passa o tempo

todo, as quatro horas ela fica em sala de aula, porque... Nossa, a gente não tem espaço, não tem espaço para recrear! Assim, não temos um ambiente, não temos brinquedoteca, a gente não tem, assim, uma quadra, onde elas possam... É o próprio espaço mesmo. A gente fasta as cadeiras, a gente monta cabanas, traz um lençol. Isso aí é o suficiente para as crianças, né, imaginar.

Apesar de, inicialmente, referir-se apenas à disponibilidade, essa professora também aponta a necessidade de algumas condições, como o próprio espaço físico, para a realização de brincadeiras. Já Joana, apesar de também se referir à intervenção do professor, traz com mais destaque o papel do ambiente e da interação, para favorecer a brincadeira de faz de conta:

o ambiente, que é de suma importância na hora da brincadeira, a convivência, também, das crianças na hora da brincadeira de faz de conta, a interação entre eles e a intervenção também quando for necessário.

De fato, a partir do momento que a criança brinca, ela já está fazendo um elo entre os que participam da brincadeira e o ambiente, sem esquecer que esse último elemento (o ambiente) deve ser favorável ao prazer do brincar. É importante que haja um ambiente organizado, por exemplo, com os cantinhos ou de outra maneira que venha a favorecer a brincadeira de faz de conta. E vale lembrar que a intervenção do professor só deve acontecer quando solicitada pela criança.

Outro aspecto considerado relevante para esse trabalho foi saber sobre a frequência e o tempo dispensado às brincadeiras no dia-a-dia da sala de aula. As respostas dadas a essa questão variou muito de acordo com a percepção da professora sobre o que é brincadeira, pois há professoras que confundem a brincadeira com jogos pedagógicos. A professora Mônica, por exemplo, nos diz que:

Na nossa escola, nós trabalhamos com projeto e, dentro dos projetos, uma das partes do desenvolvimento do projeto está incluída as brincadeiras. Pra falar a verdade, as brincadeiras, elas acontecem frequentemente.

Para esta professora, a criança “passa quatro horas na escola, nessas quatro horas são desenvolvidas rotinas e dentro da rotina as brincadeiras estão incluídas”.

Marcela refere-se tanto a brincadeiras que as crianças desenvolvem por sua conta, nos intervalos, quanto ao que ela denomina “atividade dirigida”:

Geralmente acontece na hora do intervalo, né? Quase todos os dias costumam brincar, mas essas brincadeiras são as brincadeiras dirigidas. Brincadeira livre, livremente, eles tem todos os dias. É, o intervalo se dá durante trinta minutos entre lanche, trinta minutos. Então eles têm esse espaçozinho de brincar livremente. Mas, quando é uma atividade dirigida, não acontecem todos os dias não. Depende da necessidade, depende do que a gente quer trabalhar.

Considerando apenas as brincadeiras livres, ela estima que não chegue a uma hora o tempo destinado à brincadeira.

A professora Régia também parece incluir os jogos pedagógicos quando afirma que, “*todos os dias a gente brinca, não do faz de conta, mas todos os dias a gente brinca*”. Ela considera que:

sempre estamos brincando: quando estamos trabalhando letras trabalhamos com brincadeiras; quando estamos trabalhando números estamos trabalhando com brincadeiras também. Então, sempre, todos os dias nós estamos brincando com letras, com números, com formas.

Por outrolado, esta professora acrescenta:

Geralmente, quando eles estão sozinhos, eles estão brincando de faz de conta. Ou conversando com o coleguinha, fazendo perguntas, dizendo que é mamãe... “Deixa ser sua mãe? Vamos fazer isso?” Então está sempre acontecendo.

Régia parece perceber que a brincadeira de faz de conta acontece “quando as crianças estão sozinhas”, sem a interferência dos adultos. Apesar de aparentemente as crianças disporem de pouco tempo para isso, na opinião desta professora, as brincadeiras acontecem ao longo das quatro horas que as crianças permanecem na escola.

A fala de Joana não deixa claro a que tipo de brincadeira se refere, quando diz que as crianças brincam “diariamente, *todos os dias tem o momento das brincadeiras, onde eles vão interagir e participar das brincadeiras*”. Assim, também não é possível, para ela, precisar o tempo destinado à brincadeira: “*a gente faz uma previsão de mais... entre uma hora, noventa, trinta minutos, meia hora e uma hora*”.

Brincar implica ações diversificadas que causam prazer, alegria e satisfação em vivenciá-las. Para a criança, não importa nem o lugar nem o tempo, o que importa é brincar. Muitas vezes, o professor desconhece a importância da espontaneidade e da criatividade da criança, talvez por falta de formação na área da Educação Infantil no curso de nível superior, ou por possuir apenas a formação em nível médio e não voltada para o magistério. Esta realidade é presente na maioria das cidades do interior do Ceará. A falta do conhecimento da maioria das professoras e mesmo coordenadoras pedagógicas que atuam na Educação Infantil acerca da importância da brincadeira do faz de conta para o desenvolvimento da criança faz com que não possibilitem os espaços adequados dentro da própria sala de atividades, tais como, os cantinhos da beleza, oficinas, escritórios, cômodos da casa (a cozinha, a sala e outros) que estimulem a brincadeira do faz de conta.

Nesta pesquisa também foi considerado interessante verificar se as professoras avaliam que o tempo, durante o qual as brincadeiras de faz de conta acontecem na escola, é

ou não suficiente, tendo em vista as necessidades das crianças. O grupo dividiu-se de forma igual a esse respeito: enquanto Marcela e Mônica o consideram aceitável, Régia e Joana não o consideram suficiente.

Marcela afirma que o tempo é suficiente, justificando-se:

Eu acho suficiente. Até porque eles estão no Infantil V, que é a minha sala. Assim, são crianças altamente capazes, assim, de ter uma vontade enorme de aprender, uma capacidade. E outra coisa: elas passaram além da Creche, [onde] passam muito tempo brincando, né? E também já está tendo essa cobrança: hoje, nas escolas, as crianças já estão chegando ao primeiro ano com muita dificuldade na questão de conhecer letras. A gente sabe, de certa forma, que a criança tem o seu tempo, que essencialmente a criança tem seu tempo de brincar, tem que ser trabalhado, tem que ser deixado. Mas também eu acho que a principal função da escola que eu... o principal é esse. Eu acho interessante a fala do professor Pimentel que ele diz que quando a gente... quando procura o hospital é porque a gente está doente. Quando a gente procura uma padaria é porque a gente quer comprar pão. Quando a gente procura um mecânico é pra consertar o pneu do nosso carro, da nossa bicicleta. Quando a gente procura uma escola é porque a gente quer que nossos filhos aprendam. Então a função da escola não é nada mais nada menos de... não, digamos assim, mas, é de levar os conhecimentos às crianças, aquele conhecimento que foi acumulado durante muito tempo. Então é o seguinte: a criança tem que brincar, tem; todo tempo, não. Então, brincar por brincar não, um brincar direcionado.

De acordo com as palavras da professora Marcela, a brincadeira só tem sentido se for “direcionada”, pois ela não vê relação entre esta e a função da escola de “levar os conhecimentos às crianças”. No entanto, a teoria vigotskiana ensina que a criança aprende através das interações no meio social e também nas brincadeiras.

No entanto, constatamos que Mônica também se posiciona de forma semelhante à Marcela, quando diz:

Eu acredito que sim. Assim, de maneira como já foi dito, direcionado. Se a brincadeira for direcionada, ela vai ter um resultado. Agora, se a criança brincar por brincar, eu acho que fica um pouco vago, um pouco vazio. Eu acho que todas as brincadeiras que são colocadas para criança, elas têm que ter um direcionamento, uma intencionalidade para que dê certo.

É possível notar, na opinião destas duas professoras, que o papel da brincadeira de faz de conta fica limitado à sua utilização como recursos, formas de aprendizagem de conteúdos, conforme já foi apontado por Colling (2010).

Estas opiniões das professoras Marcela e Mônica expressam a ênfase que vem sendo dada à função preparatória da Educação Infantil em relação ao Ensino Fundamental e a preocupação muito presente no estado do Ceará de que as crianças sejam alfabetizadas o mais rapidamente possível. Estas ênfases e preocupações podem se transformar em cobranças aos professores que atuam na Educação Infantil, tanto no nível das secretarias de

educaçãomunicipais como no próprio âmbito da escola. Essa situação pode resultar em muitos professores a se voltarem apenas para o aspecto cognitivo do desenvolvimento da criança, restringindo o desenvolvimento cognitivo à alfabetização e desconsiderando a sua responsabilidade em relação ao desenvolvimento da criança em todos os demais aspectos.

Neste contexto, é preciso lembrar o conceito de currículo da Educação Infantil, para que se tenha uma melhor dimensão do que deveria significar “levar conhecimentos às crianças”, como afirma Marcela. No Art. 3º das DCNEI, esse conceito é explicitado:

O currículo da Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade.

Esta concepção de currículo nos leva a rever a nossa prática didática na Educação Infantil quando queremos apenas priorizar a aprendizagem da leitura, negando à criança o seu desenvolvimento na sua totalidade. Isto porque a nossa lei nacional de educação afirma categoricamente que a Educação Infantil tem como prioridade o desenvolvimento integral da criança.

Régia e Joana, por outro lado, disseram que não consideravam o tempo destinado à brincadeira suficiente. Régia declarou:

Eu acho que o tempo é muito pouco, eu acho que teria que ter mais tempo pra eles brincarem. Que era necessário mais tempo, que a criança precisa brincar. Brincando ela também está aprendendo.

Joana concorda com essa opinião, ao dizer que o tempo não é suficiente. Segundo ela:

a criança, neste período, ela está se desenvolvendo e as brincadeiras ajudam nesse desenvolvimento. Então, o período de brincadeira na hora da escola, na aula é pouco, era pra ser mais. Não aquelas brincadeiras sem sentido, mas, aquelas brincadeiras que vão ajudar a criança a se desenvolver.

É possível perceber que nestas avaliações de que o tempo disponível para as brincadeiras não é suficiente para as necessidades das crianças. Um fator muito importante é o conhecimento de que a brincadeira contribui para o desenvolvimento das crianças.

Tendo em vista o objetivo maior da Educação Infantil, que é a promoção do desenvolvimento da criança em todos os seus aspectos e o fato da brincadeira ser uma atividade privilegiada para a promoção deste desenvolvimento, fica fácil constatar a necessidade de incorporação da brincadeira de faz de conta no cotidiano desta etapa da educação com muito mais ênfase do que geralmente acontece.

Um fator que acredito contribuir para a incorporação da brincadeira de faz de contano cotidianona instituição é a forma como é organizada a rotina escolar. O professor e ou a professora com a participaçãodas crianças podem elaborar uma rotina que contenham momentos diversificados e bem distribuídos entre as atividades pedagógicas elaboradas pelos educadores e o tempo necessário para que as crianças possam brincar espontaneamente. Trago algumas sugestões dadas pela a autora França Wajskop (1990:52-3 apud WAJSKOP,2009, p.37-38)

1. Que a rotina escolar contemple períodos razoavelmente longos entre as atividades dirigidas para que as crianças se sintam à vontade para brincar;
2. Que existam materiais variados, organizados de maneira clara e acessível às crianças, de tal forma que possam deflagrar e facilitar o aparecimento das brincadeiras entre as crianças. O acesso e a organização dos materiais deve levar em conta a idade das crianças, sendo seu uso coordenado pelo adulto responsável pelo grupo. É importante ressaltar que quanto menores as crianças sua variedade deve ser menor, de tal forma que elas possam explorar ao máximo as propriedades dos mesmos e iniciar um processo de representação com eles. Quanto maiores forem as crianças pode-se manter um número mais variado de objetos, podendo-se, inclusive, classificá-los e agrupá-los em atividades organizadas com as crianças, segundo suas propriedades e usos específicos;
3. Que a sala onde as crianças passam a maior parte de seu tempo tenha uma configuração visual e espacial que facilite o desenvolvimento da imaginação. Os móveis, com mesas, bancos, cadeiras, etc., devem ser de fácil manipulação para permitir a reorganização constante do local pelas crianças, e a construção de “casinhas”, “cabanas”, “lojas”, “castelos” etc. É importante ainda garantir um canto com espelho, maquiagens, roupas e fantasias para que as crianças possam utilizá-las nos períodos de jogo;
4. Que haja períodos em que as crianças e o adulto responsável pelo grupo possam conversar sobre as brincadeiras que vivenciaram, as questões que se colocaram, o material que utilizaram, os personagens que assumiram, as crianças que interagiram;
5. Que a brincadeira seja incorporada no currículo como um todo, e as questões colocadas no seu desenrolar possam fazer parte de pesquisa desenvolvida em atividades dirigidas pelas crianças; ampliadas através de passeios, observação da natureza, projeção de vídeos, escuta de rádios, musical leitura, etc.;
6. Que o adulto seja elemento integrante das brincadeiras, ora como observador e organizador, ora como personagem que explicita ou questiona e enriquece o desenrolar da trama, ora como elo de ligação entre as crianças e o conhecimento, o adulto deve estar sempre junto às primeiras, acolhendo suas brincadeiras, atento às suas questões, auxiliando-as nas suas reais necessidades e buscas em compreender e agir sobre o mundo em que vivem.

É importante esclarecer que o adulto só deve interferir na brincadeira, dela participando como personagem, a partir do convite feito pelas crianças e que é preciso estar atento para não dirigir a brincadeira nem assumir a postura de quem ensina algo ou disciplina as crianças através da brincadeira. Vale acrescentar ainda que a criança deve ser vista como alguém participante e não um ser sem capacidade de opinar, sugerire compreender o mundo em sua volta a partir do seu ato de brincar.

Essa organização deve abranger espaços disponíveis e objetos onde as crianças possam usá-los de forma que venham a se desenvolver como um todo. Um espaço que abranja o imaginário infantil com objetos em quantidade e qualidade condizente a cada idade da criança. Valendo ressaltar a importância de se ressaltar no currículo ou na proposta pedagógica as brincadeiras como uma ferramenta necessária no desenvolvimento infantil.

Tudo o que foi mencionado acima já foi apontado em vários estudos e documentados, tais como os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), as Orientações Curriculares para a Educação Infantil (SEDUC, 2011) que orientam o trabalho no interior das creches e pré-escolas do nosso Estado, os professores, gestores, pais e comunidade que fazem parte da elaboração da proposta pedagógica da instituição compreendam os objetivos que constam nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (**LDB**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] é preciso deixar que as crianças e os adolescentes brinquem, é preciso aprender com eles a rir, a inverter a ordem, a representar, a imitar, a sonhar e a imaginar. E no encontro com eles, incorporando a dimensão humana do brincar, da poesia e da arte, construir o percurso da ampliação e da afirmação do conhecimento sobre o mundo. Dessa forma abriremos o caminho para que nós adultos e crianças, possamos nos reconhecer como sujeitos e atores sociais plenos, fazedores da nossa história e do mundo que nos cerca. (Ângela Meyer Borba).

Considero que este trabalho pode contribuir para a prática pedagógica na Educação Infantil por tratar da importância da brincadeira do faz de conta para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, e por trazer alguns elementos da prática pedagógica em relação à esse tema, que podem provocar reflexões e talvez mudanças entre os profissionais que atuam nessa área, especialmente as professoras.

Particularmente, foi importante conhecer mais sobre o papel da brincadeira do faz de conta para as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças. Saber, por exemplo, que ela propicia que a criança se expresse, represente, construa na coletividade o seu ser individual; que também, pela brincadeira, ela se apropria de conhecimentos, habilidades e valores, se desenvolvendo em seus aspectos sociais, cognitivos, motores e afetivos. Por tudo isso, ficou bastante claro que a professora deve repensar o seu papel como mediadora nas brincadeiras infantis, a fim de que, como educadora, seja capaz de proporcionar oportunidades e espaços adequados para que as crianças possam brincar, e, através da brincadeira, se desenvolver plenamente.

A elaboração deste trabalho me levou a uma visão mais acurada acerca da relevância da brincadeira do faz de conta, por compreender melhor o seu papel nos diferentes aspectos do desenvolvimento infantil, proporcionando o meu crescimento profissional no trabalho que realizo com as crianças.

Agora entendo melhor que observar as crianças brincando de casinha, de cavalinho, de médico, de professora ou assumindo outras funções da vida adulta é uma possibilidade de compreender melhor como ela procura entender e se apropriar desse mundo adulto. Nesse processo, a criança aprende a respeitar as opiniões das outras crianças, a lidar com as suas emoções e com os conflitos que surgem, a esperar a sua vez, a negociar com os companheiros de brincadeira – que contribuem de forma significativa para o seu desenvolvimento sócio-emocional. Também aprende a separar os objetos (significantes) dos

significados que podem ser atribuídos a eles (uma toalha, por exemplo, pode se transformar no teto de uma casinha ou na capa de um super-herói, dependendo do seu desejo), aprende a explicar suas ideias, a argumentar, a seguir regras – o que colabora fortemente para o seu desenvolvimento moral e cognitivo.

Após realizar as entrevistas com as professoras que estão atuando no dia-a-dia na Educação Infantil, percebo que algumas delas precisam se beneficiar de estudos como este e muitos outros, no sentido de melhorar as suas percepções sobre o valor da brincadeira do faz de conta para os processos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças e, conseqüentemente, para a sua prática pedagógica. Isto porque considero, atualmente, que o pequeno valor atribuído ao brincar infantil e a sua pouca presença na prática pedagógica talvez se deva ao fato do professor não ter clara a importância da brincadeira do faz de conta para as aprendizagens e o desenvolvimento da criança. Talvez um maior conhecimento sobre isto possa promover mudanças nas instituições de Educação Infantil, não desconsiderando, como já foi mencionada, a forte influência das concepções (que parecem ser dominantes atualmente) acerca da função da Educação Infantil na alfabetização das crianças.

Não se pode desconsiderar que a própria estrutura física e a falta de materiais adequados dificultam a experiência de brincar na Educação Infantil. Ainda hoje um número bastante elevado de instituições infantis não apresenta uma estrutura física adequada para funcionar, oferecendo um ambiente acolhedor, seguro, estimulante com espaços amplos para a criança correr, subir, esconder, brincar de faz de conta, se movimentar livremente. Ambientes que favoreçam a troca de experiências, a realização de atividades onde a criança possa criar e recriar, a integração de aprendizagem que propiciem o desenvolvimento da criança em todos os seus aspectos: social, motor, cognitivo, emocional, etc., interagindo, construindo, compartilhando novos conhecimentos e novos significados com crianças de sua idade e de outras idades e também com o adulto.

Tenho como exemplos quanto à precariedade da estrutura do espaço de vivência e construção de aprendizagem os próprios espaços da instituição onde trabalho, como também aquela na qual realizei a pesquisa: as crianças brincam nos espaços da própria sala de aula porque as instituições não dispõem de espaços apropriados, como podemos constatar a partir da fala da professora Marcela:

(...)o espaço que a gente trabalha, a criança passa o tempo todo, as quatro horas ela fica em sala de aula, porque... Nossa, a gente não tem espaço, não tem espaço para recrear! Assim, não temos um ambiente, não temos brinquedoteca, a gente não tem, assim, uma quadra, onde elas possam... É o próprio espaço mesmo. A gentefasta as cadeiras, a gente monta cabanas, traz um lençol. Isso aí é o suficiente para as crianças, né, imaginar.

As brincadeiras das crianças podem acontecer em diferentes lugares, tanto nos espaços internos da instituição como também os espaços externos, na rua, na cidade, no sítio, na comunidade, etc. O professor deve ter a preocupação de vê como esses locais estão organizados, quais recursos podem ser utilizados de modo que favoreça o brincar infantil e que venha a atender as necessidades das crianças.

Conforme as Orientações Curriculares para a Educação Infantil (SEDUC, 2011, p.93/94), os espaços devem:

- Ser aconchegante, estimulador, seguro, asseado, organizado e bonito;
- Garantir acessibilidade a crianças e adultos, com locomoção prejudicada, dentre outros;
- Ter uma organização funcional para a realização de diferentes tipos de atividades, o que requer, por exemplo, providenciar que os materiais a serem usados fiquem próximos do local onde se fazem necessários;
- Considerar se as atividades devem ser feitas em duplas, grupos de quatro crianças, ou devem envolver a atenção de toda a turma;
- Apresentar, periodicamente, algumas novidades (novos arranjos no mobiliário, novos objetos ou elementos decorativos, novos cantos de atividades) que as crianças possam incluí-las em suas ações.

O espaço da instituição infantil deve atender ao grupo de crianças e adultos que o frequenta. Um lugar amplo, e seguro, cheio de objetos e mobiliários condizentes com a faixa etária infantil, objetos estes que fiquem em lugares acessíveis, na altura apropriada para idade da criança, para que ela possa observar apreciar, brincar, para que sirvam como elementos para o desenvolvimento da criança.

É possível observar em muitas instituições infantis brinquedos que deveriam estar em uma altura em que a criança pudesse alcançar, mas estão fixados e pendurados no alto da parede, expostos mais como decoração, longe do alcance da criança. Não é qualquer espaço que poderá promover na criança a autonomia que ela precisa adquirir durante a sua permanência nesse ambiente. Este espaço tem que ser bem organizado e com objetos que estejam ao alcance das crianças.

Um local que dê a impressão de movimento e que cause na criança surpresa e ao mesmo tempo a querer explorá-lo com entusiasmo.

A criança e o adulto precisam do espaço para se movimentar com facilidade, ao ponto de causar-lhes conforto e praticidade, só assim poderão agir livremente atendendo as necessidades específicas de cada grupo.

Outro aspecto que considero muito importante para a efetivação do brincar infantil é a flexibilidade do professor e de todas as pessoas que estão envolvidas no processo

educacional da criança para que ela possa se desenvolver integralmente, compartilhando novas ações, construindo saberes.

Esses e muitos outros aspectos me fazem ver o quanto se faz necessária a consciência desses profissionais que atuam no educar infantil de proporcionar a criança o momento para brincar, porque mesmo que a instituição possua um espaço adequado com infantil, de proporcionar parquinhos seguros, cantinhos, tanque de areia, espaços para brincadeira ao ar livre, área externa e vegetação, brinquedos para brincadeira de faz de conta, se não houver professores e gestores e atentos a esse brincar e com boa formação na área de Educação Infantil, com certeza não haverá um trabalho que atenda as suas necessidades, respeitando os seus direitos fundamentais, inclusive o direito de brincar.

Destacando o direito das crianças falar e ser ouvida, CRUZ (2009, P.13) afirma que:

Escutar as crianças não significa apenas dar-lhe tempo para falar, mas considerar o que elas dizem. Requer desejo de entender e reflexão entre adultos sobre o que pode aprender com elas e como podem considerar isso ao planejar e desenvolver atividades com as crianças.

O professor de Educação Infantil antes de tudo deve conhecer seu grupo de crianças, para isso ele precisa está atento ao que as crianças falam. Não escutar só por escutar, mas ouvi-las com sensibilidade e levar em conta os seus desejos. Agindo assim, o professor conhecerá melhor cada criança e saberá no ato do planejamento usar seus conhecimentos sobre as crianças desenvolvendo assim ações que contribuiram para o desenvolvimento de seu grupo.

Mesmo com tantas mudanças acontecidas na Educação Infantil, pode-se observar que tais mudanças não são ainda suficientes para que tenhamos uma educação de qualidade, capaz de atender e favorecer as nossas crianças e vejo que muito se deve a precariedade de políticas públicas voltadas para essa etapa da educação, temos no nosso país um sistema educacional fragmentado, com muitas falhas que deixam a desejar quanto à qualidade, sofrendo com isso nossas crianças que precisam ter seus direitos acolhidos para melhor se desenvolverem. Dependendo da região em que vive, da sua classe social, sua cor/etnia, as crianças são mais discriminadas ainda, ampliando a desigualdade social que abrange o nosso país. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Infantil (SEDUC, 2011, p.110):

(...)É bastante conhecida no país a desigualdade de acesso às creches e pré-escolas entre as crianças brancas e negras, moradoras do meio urbano e rural, das regiões sul/sudeste e norte/nordeste e, principalmente, ricas e pobres. Além das desigualdades de acesso, também as condições desiguais da qualidade da educação oferecida às crianças configuram-se em violações de direitos constitucionais das mesmas e caracterizam esses espaços como instrumentos que, ao invés de promover

a equidade, alimentam e reforçam as desigualdades socioeconômicas, étnico-raciais e regionais.

Trata-se, portanto, de um sistema educacional onde poucos têm oportunidades, onde a desigualdade é um marco da nossa educação. Um sistema que exclui quando oferece uma educação melhor para alguns e outros têm que se contentar com a educação precária, onde não existem escolas com espaços adequados, profissionais capacitados e ambientes ricos em materiais que venham a atender aos profissionais que trabalham e as crianças que precisam se desenvolver.

A deficiência na qualidade da educação desencadeia o baixo índice de alfabetização das crianças que frequentam o Ensino Fundamental em todo o Brasil. Diante dessa situação, o governo do Estado do Ceará, em 2007, criou Programa Alfabetização na Idade Certa – PAIC.

Este programa visa promover uma educação de qualidade, onde a idade da criança e suas especificidades são levadas em consideração para que as crianças se desenvolvam no momento certo e de acordo com as fases do desenvolvimento infantil. Porém até hoje contemplou e contempla uma educação voltada para a escolarização da criança pequena, isto é, a criança muitas vezes é imposta a uma alfabetização onde tem que aprender a ler e escrever. Este Programa abrange a Educação Infantil e se estende até o quinto ano do Ensino Fundamental. Um dos eixos desse programa é o Eixo – Educação Infantil, que tem como objetivos

Contribuir para a promoção da qualidade do atendimento oferecido às crianças e suas famílias nas instituições de Educação Infantil dos municípios participantes do Programa Alfabetização na Idade Certa-PAIC;

Colaborar no processo de implantação e implementação das propostas pedagógicas e programas de formação continuada de professores da Educação Infantil dos municípios participantes do Programa¹

A Psicologia, a Pedagogia e a Sociologia vêm destacando a necessidade de trabalhar a criança como um todo e não apenas escolarizá-la.

Há vários indícios de que boa parte dos profissionais que atuam na Educação Infantil nos diversos municípios cearenses distorcem os objetivos do Eixo – Educação Infantil do PAIC. Várias atividades realizadas na Educação Infantil (como os relatos orais, as contações de histórias, o trabalho com parlendas etc.) favorecem a aquisição da leitura e

¹Disponível em <http://www.idadecerta.seduc.ce.gov.br/index.php/o-paic/eixos-do-programa/eixo-de-educacao-infantil>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2013.

escrita das crianças. No entanto o trabalho mais sistemático e formalizado em relação a isso deve acontecer no Ensino Fundamental. Crianças pequenas que freqüentam pré- escola devem ser estimuladas a desenvolver todos os seus aspectos (cognitivo, afetivo, motor e social), o que inclui o trabalho com a linguagem oral e escrita, mas ele não deve assumir a centralidade do trabalho pedagógico. Mas nos deparamos com uma realidade, onde instituições ainda mantêm um modelo de educação voltado para a escolarização da criança. Esta prática não condiz com o objetivo da Educação Infantil, como frisam Silva e Farias

(2000, p.31 apud LIMA, 2010, p.66):

A Educação Infantil deve preocupar-se não apenas com o processo de alfabetização (garantir que as crianças compreendam para que serve a escrita e o seu modo de construção interna), mas principalmente deve assegurar que as crianças sejam usuários da língua portuguesa com toda a sua riqueza e descubram o prazer que a leitura e a escrita podem oferecer.

Esta postura adotada por algumas instituições é explicitado em atividades que tem o objetivo de levar as crianças a ler e escrever. No entanto, muitas vezes tais atividades (como: atividades de desenhos mimeografados, letras e palavras pontilhadas e traçadas para serem repetidas várias vezes) são mecânicas e pouco contribuem para a criança se apropriar do significado social da escrita, apesar de serem realizadas na intenção ensinar, por parte dos docentes. Como enfatiza Wajskop (2009, p. 77) “É, principalmente, no interior da sala de aula, através de exercícios gráficos, de cópia e repetição de movimentos manuais e de observação visual, que a professora orienta seus alunos para a compreensão e memorização das noções básicas de aprendizagem.”

De qualquer forma, o fato é que as crianças são levadas a realizarem muitas atividades que pretendem levar as crianças a ser alfabetizadas e isso ocupa muito tempo na rotina da pré-escola. É importante lembrar que essa situação não é resultado de uma decisão ou preocupação pessoal dos professores, mas tem como fator muito importante a cobrança da secretaria de educação do município que os pressionam para que haja um alto índice de crianças alfabetizadas ao final da Educação Infantil. Para isso, algumas secretarias elaboram propostas que muitas vezes não estão de acordo com a realidade da criança e como seu nível de desenvolvimento, sugerindo às instituições que as desenvolvam durante o ano letivo.

É importante lembrar desse contexto no qual se realiza o trabalho pedagógico na Educação Infantil a fim de entender o pouco espaço que é dado à brincadeira no cotidiano dessa etapa da educação. Tal ênfase na alfabetização é um dos fatores que contribuem para a desvalorização das brincadeiras livres nas instituições de Educação Infantil.

Por outro lado, as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil- DCNEI (CNE, 2009) colocam as brincadeiras e as interações como eixos do currículo na Educação Infantil. De acordo com o Artigo 9º deste documento, as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem garantir experiências que:

- I - Promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança;
- II - Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical;
- III - Possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos;
- IV - Recriem, em contextos significativos para as crianças, relações quantitativas, medidas, formas e orientações espaços-temporais;
- V - Ampliem a confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas;
- VI - Possibilitem situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar;
- VII - Possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e reconhecimento da diversidade;
- VIII - Incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza;
- IX - Promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura;
- X - Promovam a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais;
- XI - Propiciem a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras;
- XII - Possibilitem a utilização de gravadores, projetores, computadores, máquinas fotográficas, e outros recursos tecnológicos e midiáticos.

Embora o parágrafo único do referido artigo ressalte que “as creches e pré-escolas, na elaboração da proposta curricular (...), estabelecerão modos de integração dessas experiências”, fica evidente a multiplicidade e riqueza das experiências que devem ser oferecidas às crianças na Educação Infantil, tendo como eixos a interação e a brincadeira.

Considerando que as DCNEI devem ser observadas na elaboração de qualquer proposta pedagógica para a Educação Infantil, não se pode aceitar a desconsideração da brincadeira nessa etapa da educação, nem que o trabalho pedagógico fique centrado na aquisição da escrita pelas crianças.

Observo, a partir dos relatos dos professores nos momentos de estudo em grupos de formação para a Educação Infantil, que há muito que eles consideram

cobrança da gestão da instituição onde trabalham em relação à aquisição da leitura e da escrita das crianças. Mas também percebo a falta de conhecimento sobre o papel da brincadeira na educação da criança, associando o momento em que as crianças estão brincando como um tempo que o mediador tira para “descansar”, como se a professora não estivesse muito envolvida no processo de desenvolvimento da criança.

A questão da aquisição da leitura e da escrita é uma cobrança com a qual também convivo, mas hoje, a partir da participação no Curso de Especialização em Educação Infantil promovido pelo Ministério de Educação-MEC e realizado pela Universidade Federal do Ceará -UFC, tenho conhecimentos para argumentar e garantir o direito das crianças à brincadeira, procurando melhorar a minha prática pedagógica com ações e atitudes que venham a favorecer o meu grupo de crianças.

Penso o quanto é necessário que as Instituições de Educação Infantil elaborem uma Proposta Pedagógica que respeitem os direitos das crianças cumprindo o seu objetivo principal, como explicitam as DCNEI:

Art.8º A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças.

Observando as indicações das DCNEI para a elaboração do currículo para a Educação Infantil fica evidente o quanto se faz necessário que as instituições que oferecem essa etapa da educação elaborem propostas pedagógicas que atendam as especificidades e necessidades infantis, respeitando a individualidade de cada uma, o respeito às diferenças, considerando o meio em que a criança vive, de maneira a propiciar que a criança se desenvolva de forma integral.

Finalizo este trabalho apontando para a necessidade de que o professor que atua na Educação Infantil tenha melhores oportunidades de formação, a fim de preparar-se mais adequadamente para as especificidades do trabalho com esta faixa etária. Tal formação deve proporcionar não só o conhecimento teórico, mas estimular a sensibilidade do professor para a prática, levando-o a uma maior escuta das crianças (suas demandas, suas necessidades, suas curiosidades etc.).

No caso do tema em foco, é importante não só conhecer mais sobre os processos de aprendizagem e desenvolvimento em curso nas brincadeiras infantis, mas reconhecer, de fato, o significado afetivo da brincadeira para a criança, o valor da imaginação, da

criatividade. Só assim, os professores poderão respeitar e estimular a necessidade de brincar das crianças, proporcionando espaços, tempos e materiais para isso.

Infelizmente, no processo de construção da história da Educação Infantil, a formação docente, inicial ou continuada, não tem sido muito satisfatória. Há necessidade de que esses cursos sejam revistos a fim de se avaliar como estão qualificando e preparando o profissional para a atuação na Educação Infantil, salientando, aqui, as suas possibilidades de lidar bem com o mundo da brincadeira de faz de conta. Seria bastante útil que novas pesquisas sobre esse tema da brincadeira na Educação Infantil fossem realizadas, fazendo relações entre a formação em diferentes cursos (principalmente de formação inicial no curso de Pedagogia) e a prática pedagógica de professores que atuam em diferentes contextos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 11 de out. 2012.

(BRASIL/MEC. **Referencial curricular para a educação infantil**: formação pessoal e social. Vol. 2 Brasília, 1998, p. 22)

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental **Referencial curricular para a educação infantil**: formação pessoal e social. Vol. 2 Brasília, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Conselho Nacional de Educação. **Parecer nº 20/2009** (Revisão das Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil). Brasília: MEC/CNE, 2009.

BORBA, Ângela Meyer. **O Brincar como um modo de ser e estar no mundo**. In Brasil. Ministério da Educação. Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade / organização do documento: Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.

CHARLOT, Bernard. **A mistificação pedagógica**: realidades sociais e processos ideológicos na Teoria da Educação. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

COLLING. Graciele de Souza. Compreensão de professores de educação infantil acerca do faz de conta e das culturas infantis. **Zero a seis**, Florianópolis, n. 24, 2011, ISSN 19804512. Dissertação. Disponível em <http://capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20102741006011004P3>. Acesso em 13 de janeiro de 2012

CRUZ, Silva Helena Vieira. **Mesa Redonda: “Memória: construção cultural para crianças e culturas produzidas por crianças”**. BRINCAR CORRENDO ANTES QUE A TIA CHEGUE: percepções e reações de crianças acerca de suas experiências na pré-escola. Fortaleza, 2009 (artigo). Faculdade de Educação da Universidade federal do Ceará

CRUZ, Silvia Helena Vieira. **Reflexões acerca da formação do educador infantil**. Cadernos de Pesquisas. São Paulo, n 97, p.7989,1996.

FRIEDMANN, Adriana. **O brincar no cotidiano da criança**. São Paulo: Moderna, 2006.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2000

_____. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 2003.

_____. **Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil**. Texto elaborado para consulta pública sobre temas incluídos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php>.

LIMA, Antonia Emanuela Oliveira de. **A rotina na educação infantil e sua contribuição para a autonomia moral da criança**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

DESLANDES, Suely Ferreira. GOMES, Romeu. **Pesquisa Social, teoria, método e criatividade**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. Rio de Janeiro: Vozes, 2011

NASCIMENTO. Cynthia de Souza Paiva. **Criatividade e brincadeira de faz de conta nas concepções de professores da educação infantil.** Rio de Janeiro, 2004. Dissertação. Disponível em <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200435031003010001P0>. Acesso em 13 de janeiro de 2012.

Orientações Curriculares para a Educação Infantil./ Secretaria de Educação do Estado do Ceará – Fortaleza: SEDUC, 2011.

(SEDUC Orientações Curriculares para a Educação Infantil./ Secretaria de Educação do Estado do Ceará – Fortaleza 2011, p.119)

PAIC-EIXO EDUCAÇÃO INFANTIL <http://www.idadecerta.seduc.ce.gov.br/index.php/o-paic/eixos-do-programa/eixo-de-educacao-infantil> - Acesso em 01 de fevereiro de 2013

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: Uma perspectiva histórico- cultural da educação.** Rio de Janeiro: Vozes, 1995

SILVA. Léa Stahischimidt Pinto. **O brincar de faz de conta e a imaginação infantil: concepções e práticas do professor.** 2003. Tese. Universidade de São Paulo. Disponível em <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200334933002010038P7> Acesso em 13 de janeiro de 2012.

WAJSKOP, Gisela Brincar na pré – escola, 8. ed. – São Paulo: Cortez, 2009. – (Coleção Questões da Nossa Época; v.48)

VIGOTSKI, L.S. O papel do brinquedo no desenvolvimento. In: **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 2010. Tradução de José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche.

APÊNDICE: ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A PROFESSORA

1. Dados referentes à formação e atuação profissional da professora:
 - Idade.
 - Formação.
 - Tempo de atuação na Educação Infantil.
 - Trabalho atual e anterior em outras funções ou em outras etapas da educação
 - Participação em cursos de formação continuada.

2. Concepções da professora sobre
 - Criança
 - Educação Infantil
 - E brincadeira de faz de conta

3. Qual a importância da brincadeira de faz de conta para o aprendizado das crianças na Educação Infantil?

4. Quais são as brincadeiras preferidas das crianças?

5. Na hora de brincar, quem escolhe as brincadeiras são as crianças ou a senhora? Por quê?

6. Como acontecem as brincadeiras?

7. Qual o papel do professor nas brincadeiras?

8. Em média, por dia, quantas horas são dedicadas à brincadeira?

9. Você acredita que esse período de tempo condiz com as necessidades de brincar da criança? Explique.

10. Em sua opinião, quais os aspectos (afetivo, cognitivo, social, motor) que são mais desenvolvidos na criança a partir das brincadeiras? Por quê?

ANEXO